



Crônica da Cidade

RICARDO DAEHN | ricardodaehn.df@dabr.com.br

Um rincão promissor

Em tempos passados, Brasília acolheu particularidades que bem podiam se tocar, numa fajuta historicidade, rendendo das mais caudalosas ficções. Sim, em 1960, denúncias, dada ausência de fiscalização, apontaram galinheiros instalados em conjuntos da W-3. Com algumas casas em abandono, entre estimadas 200 unidades, a inadequada criação de frangos parou nos jornais, como pararam carros (dentro de salas!), na mesma localidade, em clandestinas garagens.

Ao longo dos tempos, Brasília seguia surpreendendo. Ainda em 1960, estava em funcionamento, a pleno vapor, a Embaixada dos Estados Unidos, literalmente num trânsito entre o Setor Diplomático e instalações no Brasília Palace Hotel: é que um carro-reboque (no mais garboso inglês, um "trailer") servia de escritório para os gringos, que esperaram até 1961, pela efetiva inauguração da embaixada, cuja decoração exterior teve assinatura de Burtel Marx.

Outra personalidade de peso, ainda que esguia, aos 20 anos, Leila Diniz, em 1966, compareceu na II Semana do Cinema Brasileiro (que viria a se transformar no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro). Sob a luz de clima bossa-samba-novista, prestes a deixar o

posto de assumida "inexperiente" no cinema, Leila estava a passos de receber uma menção especial como atriz naquele certame pelo trabalho em Todas as mulheres do mundo. Em entrevista ao **Correio**, Leila arriscava o destino das crianças criadas em Brasília: seriam "saudáveis, inteligentes e alegres".

Ainda que renunciasse a chegada, entre candangos, do "brasileiro mais cavalheiro de todos", o pernambucano e pioneiro Manuel Mendes — que destacado almoxarife, se cristalizou, de fato, como cronista da capital —, não deixava de, em 1964, registrar as "persianas em farrapos" vistas em alguns ministérios. Certa ingenuidade seria aplainada caso migrasse para o vandalizado 8 de janeiro passado. Antevendo "civildade" no DNA

dos brasilienses, mesmo em meio aos anos de chumbo, Mendes teimava na "miragem" que estruturou o planejamento de uma cidade que simbolizava "mais do que concreto, vidro e aço".

Testemunha por 60 anos da "estória" de Brasília, Manuel era formado em letras, e publicou no mais capital dos jornais, não se perdia entre números e datas. Em 1957, com as superquadras ainda sem demarcação, conviveu com a rudeza dos lampiões de querosene, das barracas de improvisado e do fogão à lenha. Nos relatos à la Karen Blixen (a escritora dinamarquesa que desbravou parte da África), Mendes chega a relatar um tempo em que animais ocupavam a pista do aeroporto.

Vindo da estação de passageiros

do aeroporto interligada aos acampamentos no Plano Piloto por uma estrada que desembocava na 409, com trechos de tracejado submersos pela invenção do Lago Paranoá, Mendes não perdia as pegadas da embrionária cidade, dantes vista como grande clareira, "de vastidão silenciosa", trapeçada pelos ruídos das seriemas e pelas betoneiras. O senso de orientação, num primeiro momento, se deu pelas setas, como no velho Oeste norte-americano, dispostas a localizar, entre direções, o ponto-chave encerrado no Sítio Castanho (Cruzeiro de hoje). Tudo bem diferente das plaquetas de pontos turísticos, sabotadas nos recentes eventos internacionais esportivos, frente a traduções, vez que outra, nonsense. Outra, a Brasília.

TRÂNSITO / Pedestres reclamam da falta de manutenção do equipamento e da falta de respeito por parte de motoristas. Detran-DF faz levantamento detalhado daquelas que necessitam de revitalização

Sinal de alerta na faixa

» ARTHUR DE SOUZA

O Distrito Federal é o maior exemplo nacional quando do assunto é o respeito pela faixa de pedestres. Mas dados do Departamento de Trânsito deixam um alerta: houve um aumento progressivo dos atropelamentos fatais ocorridos nestes pontos de travessia. Foram duas mortes em 2019, contra seis no ano passado — número três vezes maior. Até setembro de 2023, outros dois óbitos foram confirmados (veja o quadro).

Na capital do país, existem 4,3 mil faixas de pedestres e, de acordo com a doutora em transportes Adriana Modesto, a simples existência do recurso não é o suficiente. "Tem que ter a manutenção, desobstrução visual das sinalizações verticais — inclusive no em torno das faixas de pedestres —, a limpeza que evidencie o contraste entre sua marcação e o pavimento, portanto, contribuindo para sua visualização, além de iluminação pública adequada, considerando o período noturno", enumera, acrescentando a incorporação de recursos tecnológicos que favoreçam a visualização do pedestre em travessia iminente.

A especialista avalia o que precisa ser feito para que se garanta a segurança no trânsito ao pedestre, para que ele possa promover seus deslocamentos com conforto e segurança. "É necessário uma série de medidas, tais como a redução dos limites de velocidade, a oferta de passarelas, a implantação de faixas de pedestres, a promoção de ações educativas e de sensibilização, quanto a escala de vulnerabilidade no trânsito", detalha Adriana.

A doutora em trânsito afirma que é importante destacar que todos, em algum momento de seus deslocamentos diários, ocuparão a condição de pedestre. "Outro ponto é que, considerando-se os usuários da via, o pedestre é aquele que apresenta maior grau de vulnerabilidade, uma vez que não dispõe de recursos de proteção", avalia.

Adriana Modesto comenta que não é raro haver ocasiões em que usuários se ressentem ou pela carência ou pelas condições precárias das faixas de pedestres. "Elas precisam ser extensivas, sobretudo, em locais onde há grande fluxo de pedestres e/ou maior prevalência de atropelamentos ou riscos de sinistros envolvendo pedestres", observa a especialista.

Conscientização

Uma das pessoas que reclamam é a dona de casa Luzia Corrêa Barros, 65 anos. A moradora do Guará diz que está na região há 40 anos. "Quando morava na QE 15, era mais tranquilo. Mas quando passei a morar na QE 38, em 2007, as coisas mudaram", lamenta. Ela costuma atravessar, quase todos os dias, uma faixa de pedestre que fica próxima de colégios e conta que, antigamente, tinha um redutor de velocidade perto. "Nessa época, eles respeitavam. Só que depois que tiraram, os motoristas passaram a trafegar em uma velocidade maior", detalha. "São três faixas. Em duas, geralmente param, mas tem uma que não para", complementa.

Luzia, que tem artrose, afirma que não consegue mais correr quando os veículos não param

Ed Alves/CB/DA.Press

A falta de manutenção contribui para a ocorrência de acidentes, de acordo com especialista



Atropelamentos fatais em faixa de pedestre

Ano	Atropelamentos fatais
2019	2
2020	3
2021	6
2022	6
2023*	2

*Até setembro Fonte: Detran-DF

Ed Alves/CB/DA.Press



Elza Pereira percebe problemas em todas as regiões do DF

Ed Alves/CB/DA.Press



No Guará 2, criança estende a mão para atravessar e motociclista ignora

na faixa. Para ela, a adição de um quebra-molas ajudaria a melhorar a situação. "Além disso, tinha

um buraco na faixa, que taparam, mas não repintaram ela", aponta. "Já vi um acidente, no

ano passado. Um senhor foi atropelado e acabou falecendo. Foi na mesma faixa que tem problemas", ressalta.

A dona de casa acrescenta que, além da manutenção, é necessário conscientização por parte dos condutores. "As vezes, por mais que a gente dê o sinal, alguns motoristas não param e até xingam a gente. Outros estão no celular e nem prestam atenção na faixa", reclama. Luzia comenta que as melhorias teriam efeito não só para ela. "Mas pelas outras pessoas que costumam utilizar a faixa. Por ser perto de uma escola, muitas crianças e adolescentes costumam atravessar ali. É perigoso", alerta.

A educadora social Elza Aparecida Pereira, 54, também reclama das condições das faixas de pedestres. Ela mora na QE 38 do Guará há 20 anos e, além do local onde atravessa todos os dias, percebe o problema em outras regiões. "Nos locais mais distantes do centro, as pinturas das faixas estão mais desgastadas e os motoristas têm menos educação. Sempre que vou a lugares como Samambaia e Ceilândia, percebo que a manutenção é precária", avalia.

Elza destaca que, na faixa em que passa diariamente, não houve qualquer tipo de manutenção neste ano. "Os motoristas estão mais desatentos e parando muito em cima da hora", observa. "Acho que é necessário fazer alguma coisa logo antes da faixa, para que não passem com uma velocidade muito alta", acrescenta.

A educadora ressalta que muitos condutores não esperam o pedestre terminar de atravessar para seguir viagem. "Acho que tem que melhorar a educação. Os condutores também vão ser pedestres em algum momento. E, no trânsito, o maior tem que proteger o menor", avalia.

Para ela, o DF está deixando de ser referência quando o assunto é o respeito às faixas de pedestres. "Em relação a outros estados, ainda estamos melhores. Mas, em comparação a quando cheguei em Brasília, as coisas estão piorando", lamenta. "Após a pandemia, desde que a circulação de carros voltou a normalizar, os problemas ficaram piores. Percebo que a pressão no trânsito ficou ainda maior e a faixa de pedestre foi deixada de lado", argumenta.

Levantamento

Em nota, o Detran-DF afirmou que a manutenção das faixas de pedestres é realizada de acordo com o cronograma de revitalização, organizado pela Diretoria de Engenharia do departamento que, de acordo com a autarquia, leva em consideração o tipo de material empregado, o prazo de garantia da pintura — que pode ser de um ou dois anos — assim como as prioridades de sinalização ao término de obras, por exemplo.

A autarquia ressaltou que está licitando novas empresas para a realização da sinalização horizontal (pintura) das vias e, por isso, a Diretoria de Engenharia de Trânsito do departamento está realizando um levantamento detalhado das faixas que necessitam de revitalização, para que as novas empresas possam restaurar a pintura das faixas, assim que os novos contratos estiverem vigentes. O prazo para isso, de acordo com o Detran-DF, está estipulado para meados de novembro.

Questionado sobre o que faz para conscientizar a população sobre a faixa de pedestre, o órgão ressaltou que, além de campanhas publicitárias, tem uma série de ações educativas realizadas em escolas e nos locais de grande circulação, como o programa Café na Faixa, peças teatrais, interação com mímicos e bonecos, palestras e distribuição de material educativo com a temática.

Obituario

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 20 de outubro de 2023

» Campo da Esperança

Adélia Ribeiro Teles, 92 anos
Anderson Roberto Conceição Ramos, 34 anos
Antônio Felix Mendes de Souza, 73 anos
Beatriz Albernaz Neiva Divino, 49 anos
Dalcy de Moraes Ferreira, 83 anos
Everton Ranieri Santos de Souza, 32 anos
Fabiana Teixeira Gonçalves

Litran, 35 anos
Francisco Paulino da Costa, 84 anos
Geovane David e Castro, 63 anos
Hely Luiza Rossato Toniolo, 96 anos
João Batista Marinelli, 84 anos
José Pereira Caixeta, 77 anos
Jurema Chabalgoity Toscano Barbosa, 99 anos
Maria da Conceição Fonseca, 74 anos

Michelle Maria Bueno Tavares, 44 anos
Sérgio Luiz Del Monte, 73 anos
Telma Maria Ramalho Lins, 71 anos
Wilton Soares de Albuquerque, 87 anos

» Taguatinga

Admilson Silva, 58 anos
André Lucas Lima de Paula, 16 anos
Antônio Roque, 79 anos

Cícero Silvino, 93 anos
João Lopes da Silva, 73 anos
José Pereira Lima, 73 anos
Laudelina da Silva Ribeiro, 99 anos
Leonardo Fiúza de Souza, 30 anos
Maria Alves de Sousa, 81 anos
Mônica Maria Pereira dos Santos, 52 anos
Rita Alves de Oliveira, 85 anos

Tereza Maria da Conceição Ferreira Dias, 91 anos

» Gama

Antônio Reginaldo do Nascimento Costa, 50 anos
Diego Moreira de Oliveira Nascimento, 32 anos
Hirivelto Ribeiro dos Santos, 57 anos
Maria Eugênia de Oliveira, 69 anos
Sebastião Martins, 88 anos

» Planaltina

Alice Da Costa Mendes, menos de 1 ano
Jose Alberto Alves Feitosa, 67 anos

» Sobradinho

Erasmo Cosme da Silva, 81 anos
Maria Ivone Gomes de Araújo, 69 anos
Jardim Metropolitanano Fabrício Lima Simor, 48 anos
Wartes Santana Santos, 37 anos